Revista TRANSFORMAR
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos?

Wallans Ferreira Motta[1]
Elaine Borges Tardin[2]

Resumo: Se observarmos o arquétipo tradicional do herói através da história nos depararemos com a figura masculina em destaque. Mesmo que tenha havido heroínas, tanto no campo mitológico ou real, a figura feminina esteve relacionada à excepcionalidade. Em meados do século XX, quando o mundo vivenciava a sangrenta Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é criada uma das heroínas fictícias mais famosas do mundo dos quadrinhos: a Mulher Maravilha. O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção e posterior transformação desta personagem, relacionando-a com as transformações sociais e culturais pelas quais as mulheres passaram no decorrer das décadas seguintes. A questão que norteia o trabalho é discutir se a personagem pode ser considerada um ícone feminista ou acaba por reafirmar estereótipos em relação ao papel da mulher na sociedade.

Palavras-chave: mitologia, gênero, poder e feminismo.

Introdução

Os mitos permeiam o imaginário social há milênios, e dentre eles, o mito do herói se destaca. De acordo com Jung (1964, p. 100) tal mito, apesar de casos diferentes, se assemelha em sua estrutura, “guardando uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si”. Se formos analisar historicamente, o protagonismo da guerra e de seus feitos heróicos pertenceu ao homem, relegando à mulher o papel de auxiliadora e coadjuvante. Todavia, isto não quer dizer que não existam exemplos de heroínas, seja pela via mitológica ou real.

A criação de uma heroína com *status* de protagonista em plena década de 1940 por si só é um marco histórico para os quadrinhos, pois somente homens eram os heróis, o que inspirou muitas meninas americanas e posteriormente no mundo todo, pois a Mulher Maravilha é considerada a maior referência feminina no mundo fictício dos heróis, sendo até os dias atuais um fenômeno comercial expressivo. Mesmo assim, ela não deixou de ser estereotipada na época e ainda nos dias atuais, pois mesmo com todos os seus grandiosos poderes, ela sempre era

[1] Graduado em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Contato: wallansfm@gmail.com
[2] Doutora e Mestra em Sociologia Política pela Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, (UENF). Pós-Graduada *latu sensu* em História do Brasil, graduada em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Contato: bborges.elaine@gmail.com

Revista TRANSFORMAR
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

coadjuvante e quase sempre era salva pelo *Superman*[3] ou algum outro herói masculino.

O objetivo do presente artigo é discutir a figura da personagem "Mulher Maravilha", criada durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), atrelando-a às representações sociais de gênero no século XX. O gênero enquanto categoria analítica oferece subsídios para compreendermos que os discursos e ações que certos grupos se utilizam visam legitimar condutas e escolhas, havendo assim uma definição do que seriam as funções dos sujeitos conforme sua identidade de gênero. Neste ponto, o conceito de representação nos auxilia a mapear como se dá a relação de uma imagem presente e de um objeto ausente (Chartier, 1990, p. 21). A dúvida que ora se estabelece é se a personagem, extremamente popular comercialmente no passado e no presente, pode ser considerada um ícone feminista, que abriu caminhos para as mulheres, ou se acaba reafirmando estereótipos a respeito da mulher na guerra.

I. Relacionando gênero e representação social

O século XX foi palco de importantes mudanças políticas, sociais e culturais, que acabaram por se refletir também na produção no meio acadêmico. Grupos e temáticas que outrora não eram campo de investigação, pois eram excluídos do interesse de uma história oficial e universalmente masculina, foram cada vez mais ganhando espaço. Dentre esses grupos, encontram-se as mulheres, que a partir de então seriam vistas como objeto e sujeito de uma história problematizante.

Utilizar gênero enquanto categoria analítica nos permite superar a ideia de uma história exclusiva e meramente descritiva das mulheres, uma vez que o aspecto relacional entre homens e mulheres deve sempre permear tais estudos, além de superar a ideia de uma identidade fixa para os sexos. Trata-se de romper com o esquema binário e abrir espaço para a entrada de multiplicidades e de novas subjetividades, compreendendo que a construção do feminino e do masculino é resultado do que cada cultura estabeleceu historicamente, dentro de uma configuração social.

---

[3] Superman ou Super-homem é um super-herói fictício de história em quadrinhos americanas também publicado pela DC Comics.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

O conceito de gênero, formulado pelo movimento feminista norte-americano na década de 1970, rejeita o determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter social. Entendido por Joan Scott como "um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primeira de significar as relações de poder" (1995, p. 86), o conceito de gênero nos auxilia a compreender como as relações e práticas sociais se constroem, seja entre pessoas do mesmo sexo ou do oposto – daí o aspecto relacional ser requisito primordial para compreendermos tal conceito.

Se gênero é uma primeira forma de significar as relações de poder, observa-se que tradicionalmente foram concebidos papéis do que é ser homem e do que é ser mulher, em um sistema binário que evidenciava a supremacia masculina. O vínculo que se estabelece entre as análises que tratam das categorias gênero e poder é íntimo, pois para Scott gênero é:

> (...) um primeiro campo no seio do qual ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia á significação do poder no Ocidente, nas tradições judaicocristãs e islâmicas. (...) O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras (es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (1995, p. 16-17).

Portanto, ao observamos a construção de uma personagem feminina heroína na década de 1940 precisamos ter em mente a atuação da mulher naquele contexto e sua posterior evolução social, uma vez que as relações de gênero são representações do social, e permeadas por uma rede de significados que acabam por legitimar certos grupos e subjugar outros. Os conflitos entre representações são conflitos de poder, e são tão importantes quanto os conflitos políticos e econômicos, conforme nos aponta Chartier (1990). Utilizar como ferramenta de análise o conceito de representação atrelado ao de gênero é olhar a realidade enquanto um campo de concorrências e conflitos, fazendo com que papéis outrora considerados naturais sejam rediscutidos e repensados.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

Em relação à representação da mulher na guerra, citamos dois exemplos mitológicos que permeiam o imaginário a este respeito – a história da deusa Atena e a das Amazonas, essas últimas ligadas diretamente à Mulher Maravilha.

Segundo a mitologia, Atena, uma das deusas do Olimpo, nasceu da cabeça de Zeus já adulta e armada. É padroeira da cidade de Atenas, uma das mais importantes cidades-Estado da antiguidade clássica. Na civilização romana, Atena é Minerva, conhecida pela inteligência e engenhosidade na "arte da guerra", bem diferente do deus Ares/Marte, símbolo da violência da guerra. De acordo com Suano (2008, p. 40), à Atena atribuía-se a parte "boa" da guerra: a vitória. O lado violento e feroz era atribuído a Ares, representando assim a própria dualidade da guerra: diplomacia e violência.

A deusa da sabedoria e da guerra, que unia força, autoridade e soberania, possui um caráter indispensável para a mitologia greco-romana, com destaque para sua participação na guerra de Tróia[4], em que teria ficado ao lado dos gregos. Ao unir a habilidade da guerra e a sabedoria, Atena era temida e implacável, se necessário, conforme ficou comprovado por sua atuação após o término da guerra de Tróia: ela teria castigado os próprios gregos por não terem respeitado o asilo e proteção que a princesa Cassandra buscou em seu templo. Por este senso de justiça, Atena não deixou de ser cultuada nem mesmo entre seus inimigos, os troianos.

A representação que se faz de Atena é, assim, de alguém que apesar de pertencer ao campo da guerra, utiliza-se de outras ferramentas para a vitória, e não simplesmente de uma sangrenta atuação. Ela simboliza coragem, justiça e diplomacia, valores necessários para a manutenção da paz, apesar de estar um estado de guerra constante.

O segundo exemplo são as Amazonas gregas. Segundo Carreiras, (1997, p. 12), elas constituem provavelmente o mais conhecido arquétipo das mulheres guerreiras. Vários são os relatos gregos e até mesmo de romanos a respeito deste mito, e inclusive "o pai da História", Heródoto, no século V a.C., narrou o mito dessa

---

[4] A guerra de Tróia, um misto entre mitologia e realidade, foi uma guerra que teria durado 10 anos, entre 1300 a.C e 1200 a.C. Tendo como motivo inicial o rapto da "mulher mais bela do mundo", a rainha de Esparta, Helena, a guerra dividiu os reis do Olimpo: do lado de Tróia, estariam Afrodite, Apolo, Ártemis, Leto e Ares; do lado grego, Atena, Poseidon e Hera. A vitória grega mais uma vez expressa a soberania de Atena sobre os gregos.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

tribo guerreira da região do Cáucaso, afirmando que elas eram ferozes e convidavam seus vizinhos, os gargarenos, uma vez por ano para terem relações sexuais com o objetivo de engravidarem. Caso nascessem meninas, elas seriam criadas pelas Amazonas.

A explicação mitológica afirma que as Amazonas chegavam a decepar um seio para tornar mais fácil o uso do arco. O seu próprio nome significa "sem seio". Elas representavam o oposto do arquétipo feminino na Grécia, pois não se casavam e controlavam a sua reprodução. O casamento naquela sociedade seria o mesmo que passar a existir socialmente, assim, as Amazonas acabavam se tornando párias da sociedade, vivendo nos limites das fronteiras. Para Carreiras, as Amazonas foram "utilizadas por alguns como caricatura de mulheres 'não naturais' e 'masculinizadas'" (ibid, p. 13), corroborando a ideia de que a mulher só pode entrar para a guerra se for menos feminina. Assim como no caso de Atena, vemos uma direta ligação da mulher ao pacifismo, como é o caso da Mulher Maravilha.

II. Contexto histórico e construção da personagem da década de 1940 e sua evolução

A Mulher Maravilha, alter ego de Diana Prince, uma personagem fictícia de quadrinhos da *DC Comics* criado por Charles Moulton[5], teve sua primeira aparição na edição nº 8 da *All Star Comics* de 1941. Sua origem é resumida e timidamente contada em *All Star Comics* #8, e sua história só ganha aprofundamento em *Sensation Comics* #1 de janeiro de 1942. O sucesso foi suficiente para ela ganhar a sua primeira edição solo em maio de 1942 intitulada *Wonder Woman* #1.

[5]Pseudônimo do Dr. William Moulton Marston (9 de maio de 1893 – 2 de maio de 1947), era um psicólogo americano, inventor e escritor de quadrinhos, é atribuído a ele a criação do "detector de mentiras".

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

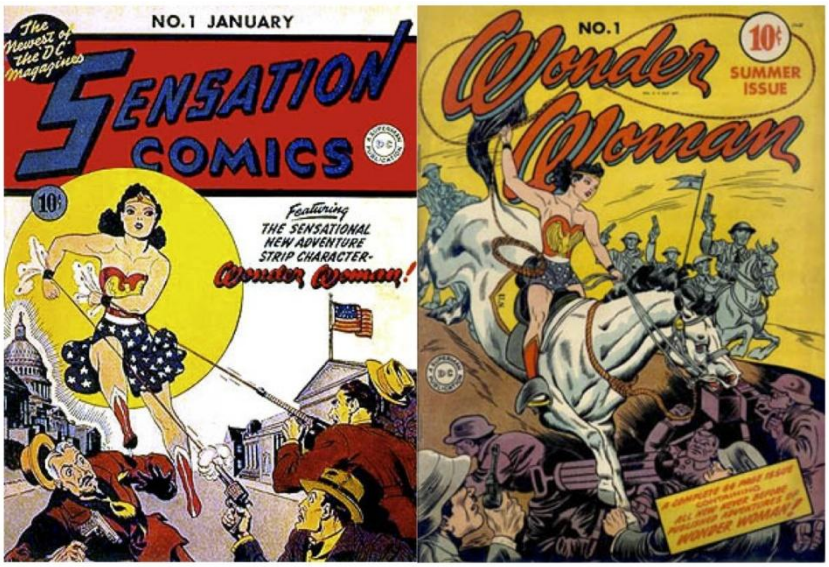

Figura 1: Primeiras revistas dedicadas a contar a história da Mulher Maravilha, janeiro e maio de 1942. Fonte: https://radicalscholarship.wordpress.com/2015/01/04/wonder-woman-and-a-surprising-brief-history-of-u-s-feminism/ Acesso em outubro de 2017.

A personagem sofreu muitas alterações desde que foi criada, como seu nascimento, uniforme e até mesmo seus interesses românticos. Mas a essência da personagem se manteve, apesar de várias releituras e *reboots*[6].

Na primeira aparição em *All Star Comics* #8, ela era uma campeã amazona, que vai até os Estados Unidos por conta de um soldado que acidentalmente pousou em sua ilha secreta, a ilha de Themyscira, na Grécia. Assim, ela acaba se unindo aos Estados Unidos para lutar contra os nazistas, demonstrando que é abençoada pelos deuses gregos com seus poderes. Após o término da guerra, opta por ficar no mundo dos homens para conhecer uma realidade totalmente inédita para ela. Na década de 1960, chega a perder seus poderes por ter abandonado a ilha para viver no mundo dos homens permanentemente, com isso, deixa para trás seu codinome de heroína, passando a adotar o nome de Diana Price e aprende as artes marciais.

É preciso evidenciar o contexto histórico da criação da personagem. Em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e expansão do Eixo[7], a propaganda tornou-se uma importante aliada para a luta contra sobretudo o nazismo. A ideia era lutar contra a opressão e criar símbolos de liberdade, paz e justiça. Nesse caso, a Mulher Maravilha representaria a paz.

---

[6]Termo técnico usado quando se reescreve toda ou parcialmente uma história em quadrinhos.
[7] Formado por Alemanha, Itália e Japão, o Eixo até 1942 havia conquistado países na Europa, pacífico e norte da África e contava com uma massiva propaganda governamental, sobretudo a Alemanha nazista.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

Em relação à participação feminina na Segunda Guerra nos Estados Unidos, a incorporação da mulher não foi facilmente aceita. Após Pearl Harbor[8], Edith Rogers, que havia servido na Cruz Vermelha na Primeira Guerra Mundial, apresenta um projeto de criação de um corpo militar feminino. No entanto, a ideia não foi bem recebida. Somente após uma longa pesquisa a respeito de mulheres na Grã-Bretanha e no Canadá foi instituído o *Women's Auxiliary Army Corps* (WAAC), em maio de 1942. Embora este corpo fosse ligado ao exército, possuía um estatuto civil "com um comando separado e uma formação em escolas de enquadramento exclusivamente feminino" (Quétel, 2009, p. 143). Em julho de 1943, o general George Marshall faz adotar uma lei que transforma o WAAC num corpo militar: o *Women's Army Corps* (WAC).

No campo civil, era necessário se preocupar com a produção do país, inclusive a bélica, na fabricação de aviões e demais construções navais. As mulheres não foram excluídas desta mobilização, e a propaganda tornou-se o maior aliado do Estado norte-americano para a adesão de mulheres na força de trabalho.

Um dos cartazes mais célebres da época foi de uma jovem mulher usando um turbante vermelho e macacão azul, mostrando seus braços musculosos com a inscrição *We can do it* (Nós podemos fazê-lo). Era um chamado para as mulheres, apelando para sua capacidade física e também psicológica, como se pode interpretar pela expressão da mulher em questão.

Figura 2 - "We can do it!" Howard Miller, 1943.

[8]O ataque dos japoneses a Pearl Harbor, base norte-americana no Havaí, foi o estopim para a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Ocorreu no dia 07 de dezembro de 1941.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

O que pretendemos evidenciar é que este contexto da Guerra pode ser interpretado como o de possível empoderamento feminino, e a personagem da Mulher Maravilha acabaria por representar a possibilidade da mulher romper com padrões pré-estabelecidos para seu gênero. Porém, com o fim da Segunda Guerra, novamente o desafio se repete para as mulheres, que haviam conquistado seu espaço tanto no mundo do trabalho como assumindo a posição de chefes de família. Os homens retornam com seu poder de fato (retirando inclusive as mulheres de seus empregos) e a seu poder simbólico, ao "seu devido lugar" – chefe de família, provedor financeiro de autoridade incontestável. Os argumentos clássicos mais uma vez ressurgem, aqueles que afirmam que o melhor papel a ser desempenhado pela mulher era o de mãe e esposa, e seu lugar natural era o lar. Porém, a Mulher Maravilha não deixou de existir.

Na década de 1980, ela é a princesa das amazonas das Ilhas Paraíso[9], esculpida no barro por sua mãe Hipólita a rainha das amazonas. Hipólita implorou aos deuses do Olimpo que a dessem vida a pequena Diana, os deuses atendem e concedem através de suas bênçãos poderes à futura "Mulher Maravilha".

Já no *reboot* New 52, ela agora é filha do deus grego Zeus com a rainha Hipólita, explicando de vez a origem e poderes da heroína, herdando de Zeus seus poderes e de Hipólita a criação e treinamento de guerreira amazona. Esse é o atual *status quo* da Mulher Maravilha.

Algo que se manteve em praticamente todas as edições e *reboots* são seus apetrechos mágicos, em sua maioria criados por Hefesto, deus do fogo e do trabalho na Mitologia Grega. São eles o laço da verdade, que além de fazer toda criatura presa nele dizer a verdade sem conseguir omitir ou enganar o artefato, o laço também pode romper maldições, quebrar encantamentos de ilusão, trazer de volta memórias perdidas e até restabelecer a sanidade de um insano. Os braceletes de Aegis, indestrutíveis, pois teriam sido feitos do próprio escudo de Zeus, serviriam para a deflexão de projéteis mundanos ou mágicos, e por terem sido feitos do próprio escudo de Zeus, ajudavam Diana a manipular os raios, e se cruzados (gesto que Diana quase sempre faz quando se defende) cria uma onda de energia que serve tanto para ferir o oponente quanto para afastá-los. Uma curiosidade sobre os braceletes, que nas suas primeiras versões, ele também servia para conter o

[9]Mais tarde a ilha foi re-intitulada e permanece até hoje como Themyscira.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

verdadeiro poder de Diana, caso ela se libertasse deles, sua força não tinha mais limites, mas ela mergulhava em um estado de fúria que poderia beirar a insanidade. A tiara, que serve como um poderoso *boomerang,* tem origem como sua coroa de princesa de Themyscira, em versões alternativas, como mostrado em seu filme de 2017 por exemplo, a tiara pertenceu a sua tia e maior guerreira amazona Antíope, e logo, Hipólita presenteia a filha com a tiara, e uma versão da era dourada, onde ela recebe a tiara de alienígenas, um presente de gratidão por Diana ter salvo um planeta alienígena. Em algumas versões ela também já utilizou as manoplas de Atlas, essa que aumentava a força do usuário em até dez vezes além de conceder maior resistência física. Na era dourada dos quadrinhos, ela também possuía um par de brincos explosivos que atuavam como comunicadores. As sandálias de Hermes, que concediam voo e velocidade ao usuário, como Diana tem os poderes de voar e velocidade sobre humana em muitas versões de suas histórias, ela quase não utiliza o apetrecho. Em versões mais antigas quando Diana ainda não dotava do poder do voo, ela tinha um jato invisível, construído pelas amazonas e aprimorado por tecnologia alienígena. Por fim, sua espada de Athena, apesar de não se contar muito da origem da espada e como Diana adquire a mesma, sabe-se que ela pode até mesmo ferir e enfraquecer o *Superman*.

A heroína tem sua "função" na trindade[10] representando a paz, o que até a década de 1980, era vista por muitos dentro do "papel da mulher", pois ela trazia o equilíbrio e a sabedoria para equilibrar os extremos entre *Batman* e *Superman*. Tardin (2016) analisa a inserção de mulheres militares em zonas de conflito, mas que na verdade atuam na pacificação e contato direto com a população, funções consideradas mais apropriadas ao gênero feminino.

Outro fato que mesmo nos dias atuais é tema de discussão quando a assunto é Mulher Maravilha são suas roupas, algo que não encontramos referência quando o caso é masculino. Nas primeiras aparições da Mulher Maravilha, alguns líderes religiosos chegaram a dizer que ela estava em trajes desrespeitosos, mesmo estando com uma saia abaixo do joelho ela ainda estava "mostrando muito". O curioso é que o traje mais famoso dela em quadrinhos ou animações para a TV é uma espécie de maiô, onde a parte superior ostenta a cor vermelha que mais parece

---

[10]A trindade da DC Comics é composta por seus três maiores heróis: *Batman, Superman* e Mulher Maravilha, que representam justiça, esperança e paz respectivamente.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

um espartilho, e a parte inferior é em azul com estrelas brancas, semelhante à bandeira dos EUA. Por conta das cores, alguns críticos de quadrinhos e principalmente fãs, começaram a questionar tal traje, tanto pelo sexismo do mesmo, quanto pelas cores fazendo alusão a bandeira americana, questionando o porquê alguém de origem grega usaria trajes em referência à bandeira norte-americana.

Em seu filme recentemente lançado (2017), da diretora Patty Jekins, muitos desses estereótipos foram removidos, em uma verdadeira quebra de paradigmas. Seu traje foi ajustado ao de uma guerreira, sem alusão às cores da bandeira americana ou até mesmo na questão sexista de um maiô sensual. No filme, há um diálogo entre a Mulher Maravilha e Steve Trevor[11] dentro de um bote saindo de Themyscira rumo à Grande Guerra, ou Primeira Guerra Mundial (o contexto histórico de criação foi alterado). Percebe-se o diálogo:

> Trevor: Nenhum homem pode vencer essa guerra.
> Diana: Eu sou o homem que pode.

Uma frase que demonstra toda uma quebra de estereótipos de edições passadas da personagem, mas que ainda mantém o grande paradoxo de que a mulher só é bem sucedida se for equiparada a um homem. Em pesquisa com mulheres militares do Exército brasileiro, Tardin (2016) ressaltou que há um forte desafio para as mesmas: para serem aceitas enquanto militares precisam se masculinizar, do contrário, serão vistas como corpo frágil.

Neste curto diálogo entre Diana e Steve percebemos como implicitamente a personagem está afirmando que, para ser forte e bem sucedida, a mesma deveria agir como um homem. Na verdade, para mostrar um empoderamento maior (ou total) da personagem, poderia haver uma sutil alteração na fala que realmente mudaria toda a semântica: “bem, já que nenhum homem pode vencer essa guerra, por que não uma mulher?”.

Uma questão importante envolvendo a criação da Mulher Maravilha é um rascunho do primeiro roteiro da personagem, onde seu criador William Moulton Marston em fevereiro de 1941 apresenta as origens amazônicas da Mulher Maravilha, na Grécia antiga, homens mantinham as mulheres na cadeia

---

[11]Personagem fictício: Major da força aérea dos Estados Unidos e par romântico da Mulher Maravilha em diversas edições da história da heroína.

Revista TRANSFORMAR
FSJ FUNDAÇÃO SÃO JOSÉ GRADUAÇÃO
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

escravizadas e até mesmo em correntes, onde essas mulheres se libertaram, as "Novas Mulheres" se fortaleceram e desenvolveram poderes enormes tanto físicos quanto mentais nas ilhas Paraíso. O próprio Moulton dizia que era uma crônica referente a "um grande movimento agora em andamento – o crescimento do poder das mulheres"[12] Certamente essa luta se fortaleceria a partir da década de 1960, em uma maior militância do movimento feminista, inclusive no Brasil, abrangendo reivindicações referentes à sexualidade, ao corpo, à educação e ao trabalho. Portanto, a figura da Mulher Maravilha não pode ser descontextualizada de um movimento maior, mesmo que ainda haja estereótipos a serem vencidos.

Considerações finais

Toda a simbologia a respeito da Mulher Maravilha deve ser atrelada a uma lógica de representação social que acaba por repensar o papel feminino em um local onde o referencial ainda é masculino. A grande questão que se coloca é que mesmo uma heroína, uma deusa criada exclusivamente por mulheres, ainda possui algumas representações tradicionais de gênero, tal como seu lugar na trindade enquanto representante da paz e o questionamento em relação às suas roupas. Como vimos, a sociedade na década de 1940 reagiu em relação ao figurino da personagem, porém, não encontramos relatos de que o mesmo tenha ocorrido com heróis similares, apesar dos mesmos usarem colãs apertados evidenciando seus músculos. Ainda imperava (e impera) a ligação da mulher com o corpo, e não com sua capacidade intelectual ou física.

O universo simbólico que permeia toda abordagem aqui citada é dotado de valores que passam a estruturar e hierarquizar saberes, práticas e ações. Se de acordo com Berger e Luckmann "a realidade é constituída socialmente" (2004, p. 11), é somente através de uma análise sociológica que é possível melhor compreender como a personagem da Mulher Maravilha é dúbia: ao mesmo tempo que demonstra certo empoderamento feminino ao atuar em uma área tradicionalmente masculina, possui limites, uma vez que a própria sociedade ainda não alcançou a igualdade de gênero e superou o esquema dicotômico entre homens

---

[12] Livremente traduzido da matéria em inglês, fonte: https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/origin-story-wonder-woman-180952710/

Revista TRANSFORMAR
Desde 1967
ITAPERUNA-RJ / 11º EDIÇÃO / 2017/2

e mulheres em diferentes áreas. Porém, inegavelmente houve avanços para a personagem e para a sociedade desde sua criação na década de 1940, e ao mesmo tempo, desafios que constantemente devem ser superados através da constante quebra de estereótipos do que se definiu como identidade fixa para os gêneros.

Referências bibliográficas

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade. Tratado de Sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2011.

CARREIRAS, Helena. ***Mulheres nas Forças Armadas portuguesas***. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

CHARTIER, Roger. ***História cultural entre práticas e representações***. Trad. portuguesa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Lisboa: DIFEL, 1990.

JUNG, C. G. ***O homem e seus símbolos***. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

QUÉTEL, Claude. ***As Mulheres na Guerra (1939-1945)***. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009. 2 volumes.

SCOTT, Joan. **História das mulheres.** In: BURKE, Peter (org). A escrita da História. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. ***Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.*** Tradução de Christine Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1995.

SUANO, Marlene. **Uma guerra entre irmãos.** In: Coleção História Viva Deuses da mitologia, volume 5, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

TARDIN, Elaine Borges da Silva. **Guerreiras da paz? a incorporação da mulher no Exército brasileiro e sua atuação na MINUSTAH (2004-2014).** Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF**.** Tese de Doutorado. Campos dos Goytacazes, 2016.